

Jesus Cristo Sumo e Eterno Sacerdote.

A ousada cristologia da Carta aos Hebreus

Jesus Christ High and Eternal Priest.

The bold Christology of the Letter to the Hebrews

Uriel David Ascencio Torres*

Recebido em: 19/05/20

Aprovado em: 26/05/20

Resumo:

O autor examina neste artigo o título cristológico de *Sumo e Eterno Sacerdote* na Carta aos Hebreus e apresenta as consequências existenciais, teológicas e eclesiais da encarnação em diálogo com a comunidade na qual surgiu essa carta. Desta forma, o artigo faz um mergulho na cristologia da Carta aos Hebreus que resgata a vivência da encarnação de Jesus Cristo à luz da *Nova Aliança* estabelecida com o sangue do *Sumo e Eterno Sacerdote Jesus Cristo*. O artigo nos mostra que a teologia do sacerdócio de Cristo é uma eclesiologia horizontal, solidária e misericordiosa nascida de um novo paradigma cristológico na literatura neotestamentária.

Palavras-chave: Jesus Cristo Sacerdote, Encarnação, Nova Aliança, Sacerdócio, Solidariedade, Misericórdia.

Abstract:

The author examines in this article the Christological title of High and Eternal Priest in the Letter to the Hebrews and presents the existential, theological and ecclesial consequences of the incarnation in dialogue with the community in which this letter appeared. In this way, the article delves into the Christology of the Letter to the Hebrews, which rescues the experience of the incarnation of Jesus Christ in the light of the New Covenant established with the blood of the High and Eternal Priest Jesus Christ. The article shows us that the theology of the priesthood of Christ is a horizontal, solidary and merciful ecclesiology born out of a new Christological paradigm in New Testament literature.

Keywords: Jesus Christ Priest, Incarnation, New Covenant, Priesthood, Solidarity, Mercy.

Introdução

Tomar como tópico de pesquisa o título cristológico *Jesus Cristo Sumo e Eterno Sacerdote* nasce da necessidade eclesial de encontrar horizontes de sentido baseados nas experiências das primeiras comunidades cristãs, atestadas pelo Novo Testamento, para

* Uriel David Ascencio Torres, missionário do Espírito Santo, licenciado em Filosofia pelo Instituto de Formação Filosófica Intercongregacional do México (IFFIM) e bacharel em Teologia pelo Santo Anselmo / ITESP.

assim descobrir elementos bíblicos que alicerçam a construção de uma Igreja em saída, misericordiosa e solidária. Nenhuma experiência cristológica nasce da simples especulação teológica mas surge da vivência comprometida de homens e mulheres que querem responder ao seguimento de Jesus Cristo em suas circunstâncias. Assim, estudar a Carta aos Hebreus é começar um diálogo com uma das primeiras cristologias do Novo Testamento geradas em uma comunidade concreta que tinha suas buscas, expectativas e problemáticas.

Familiarizar-se com este título cristológico, que desenvolve o sacerdócio de Jesus e sua oferenda existencial, é entrar em diálogo com um novo paradigma neotestamentário de interpretação da ação redentora de Deus através da encarnação, a solidariedade e a fidelidade ao projeto de amor do Pai com o ser humano. À luz desta releitura cristológica do sacerdócio de Israel, o objetivo deste artigo é entender a novidade deste sacerdócio na vivência de Jesus Cristo para constituir uma Igreja que releia sua realidade e suas estruturas na perspectiva da encarnação.

1. A Carta aos Hebreus

A Carta aos Hebreus foi um texto de alta estima na tradição cristã primitiva que tinha circulado principalmente nas comunidades de Roma e foi fundamental para a constituição do *protocatolicismo* romano pois este texto, segundo o pesquisador Donald Guthrie, foi usado pelos primeiros padres da Igreja romana desde a época de Clemente, *no mais antigo dos escritos patrísticos que tem sido conservado, a carta de Clemente à Igreja de Corinto, há um notável paralelo (1Clem. 361-2; cf. Hb1,3ss) [...]. Pareceria uma dedução razoável que Clemente tinha conhecimento de Hebreus* (GUTHRIE, 1984, 14).

A data de elaboração da obra foi nos anos 66 e 67 d. C., está data se apresenta como a principal possibilidade devido a que o texto expõe o funcionamento do Templo, e para o pesquisador Albert Vanhoye este dado é sumamente relevante no momento de datar o texto pois a própria Carta aos Hebreus se apoia nesse fato: *Si [el autor] hubiera compuesto su homilía después de la destrucción del Templo y del final de los sacrificios, sucedidos el año 70, no hubiera podido declarar que «todo sacerdote ejerce su ministerio diariamente ofreciendo muchas veces los mismo sacrificios» (He 10, 11)* (VANHOYE, 2014, 29). Aliás a eclesiologia expressada na Carta aos Hebreus sugere uma Igreja que ainda não estava desenvolvida na sua institucionalidade.

A autoria da Carta aos Hebreus é uma questão discutida e debatida ao longo da história até os dias de hoje sem ter um consenso definitivo. A pesquisa bíblica atual e as Igrejas tradicionais de ocidente assumiram a anonimidade do autor da Carta aos Hebreus. Porém, pode-se inferir que o autor foi um judeu estudioso das escrituras, formado na tradição judaica, o pesquisador Donald Guthrie o descreve a partir da sua redação:

É um homem que meditou longamente acerca da abordagem cristã do Antigo Testamento. O que ele escreve foi bem pensado. Sabe para onde vai sua linha de argumento. Quando faz uma pausa para exortar seus leitores, o faz com fina sensibilidade e tato. Prefere pensar o melhor acerca deles, embora faça fortes advertências de precaução. A despeito da sua anonimidade, é uma força a levar a sério na teologia cristã primitiva. Oferece-nos a mais clara discussão da abordagem cristã do Novo Testamento (GUTHRIE, 1984, 4)

A Carta aos Hebreus, no seu conteúdo e estrutura, é uma obra única na literatura neotestamentária. Este texto não pertence ao gênero literário epistolar pois não apresenta os esquemas utilizados por Paulo nas suas cartas. O texto é redigido como uma homilia ou sermão exortativo, que utiliza a técnica chamada de *paraklesis*, esta técnica é *uma exortação, que reunia em si distintas possibilidades. Uma delas é o sentido dar ânimo [...]; o outro uso do discurso de parakleses é a função do consolo* (MÍGUEZ, 1991, 133). Nesta homilia o autor desenvolve um profundo tratado teológico focalizando claramente seus eixos temáticos, suas premissas e suas conclusões, fazendo uso contínuo das Escrituras para dar solidez às argumentações. Conclui-se, por tanto, que o texto da Carta aos Hebreus é uma *homília paraklética*, com a finalidade de dar ânimo à comunidade enquanto oferece consolo diante da perseguição e rejeição.

Os destinatários dessa homília são cristãos de alguma comunidade da Itália (cf. At 18, 2, HUDIBORO GARCÍA, 10-11) sem distinguir a origem gentil ou judaica, com uma séria formação pois *el hecho de que conocieran el griego y la versión de los LXX inclina a pensar que eran cristianos de origen probablemente judeo-helenístico con un buen nivel de formación* (HUDIBORO GARCÍA, 2014, 11.). Assim esta comunidade cristã foi uma comunidade mista, composta por judeus helenistas, provavelmente alguns deles levitas ou sacerdotes (Hb 13,9), e gentios que acreditavam na universalidade da mensagem de *Jesus Cristo Sumo e Eterno Sacerdote*.

1.1 A comunidade de Hebreus

Esta comunidade está composta por cristãos consolidados na crença que Jesus é o messias (Hb 5,12; 10, 32-34), cristãos que passaram por um processo de conversão e aceitação da fé em Jesus Cristo, porém, com o decorrer do tempo e diante das circunstâncias adversas estão passando por dúvidas e dissidência.

A Carta está dirigida em um primeiro momento às lideranças da comunidade, que se encontravam desanimadas, exortando-as a não vacilar diante da tribulação e, ao mesmo tempo, o texto se dirige aos membros da comunidade com a intenção de que eles se deixem acompanhar pelos seus *guias* (Hb13,7). Nesta comunidade o conceito de *casa* ou *família* (*oikos*) é fundamental para entender os relacionamentos entre seus membros (Hb 3,6; 10,21), a família era o conceito fundamental para destruir as distâncias sociais, como o explica o professor Köester:

Referring to fellow believers as family members was common among early Christians; this practice reinforced the idea that other Christians were to be shown the same kind of loyalty and mutual support that one would show to members of one's family (13, 1). An ordinary household might include slaves and other workers along with family members (3, 5-6), but those in the Christian community receive the instruction (12, 5-11) and the inheritance that are reserved for full members of the family (KOESTER, 2001, 73)¹.

A *casa/família*, portanto, é a comunidade cristã que está comprometida com a cabeça da casa, Deus Pai. Isto se torna possível pela experiência de Jesus que se fez irmão (Hb 2, 1-12) capacitando à comunidade a viver numa perspectiva horizontal no relacionamento mútuo onde ninguém tem a supremacia diante dos demais pois Jesus Cristo é o fundamento desta família (Hb 10,21). Neste contexto familiar as lideranças estão submetidas a esse esquema horizontal, onde todos os membros são irmãos/ãs e, portanto, as distinções de funções só se fazem segundo as capacidades de ensinar ou dar consolo. Para as lideranças não existe honra maior que ajudar e servir os irmãos (Hb 13, 1). Köester explica esta dinâmica de acompanhamento da seguinte maneira:

Although the author distinguishes *leaders* from *the saints* generally (13, 24) all in the community call each other *brother*, all must render an account to God (4,

¹ Referir-se aos crentes como membros da família era comum entre os primeiros cristãos. Essa prática reforçou a ideia de que outros cristãos deviam mostrar o mesmo tipo de lealdade e apoio mútuo que alguém mostraria aos membros da família (13,1). Uma família comum pode incluir escravos e outros trabalhadores como membros da família (3,5-6), porém a comunidade cristã recebe as instruções (12, 5-11) e a herança que são reservadas para os legítimos membros da família (tradução livre do autor).

12-13), and all are called to approach God (4, 14-16). Leaders speak the word of God, yet Hebrews assumes that each person is to develop capacities as a teacher of the faith (10, 25). Leaders are to give to God an account of the faith of others, yet all have responsibility to help other withstand the deceptiveness of sin (3,12-13; 12,15-16) and to provoke each other to love and good works with a view to the coming Day of the Lord (10,25). By requesting that listeners heed and yield to their leaders (13,17a) the author assumes that leaders cannot simply impose their will, but depend upon the respect of the community. Hebrews calls Christ an *apostle* and *high priest* (3, 1), but does not use these terms for the community's leaders. No form of priestly sacrifice is uniquely identified with the leaders. Rather, all in the community offer sacrifices of praise and love (13, 15). (KOESTER, 2001, 76)².

Portanto, o único grande líder da comunidade é Jesus *Sumo e Eterno Sacerdote* que se tornou irmão para assim mostrar a liderança como solidariedade (Hb 13, 16). Exclui-se por completo qualquer busca de poder ou de submissão na comunidade.

1.3 Realidade sócio-política da comunidade de Hebreus

A comunidade da Carta aos Hebreus possuía certos traços eclesiológicos que foram se moldando com o passar do tempo. O texto de Hebreus mostra uma comunidade amadurecida na sua fé, que já teve um processo de evangelização e que se comprometeu com a fé cristã (Hb 6,19), porém está vivendo perseguição (Hb 10,33-34), abandono (Hb 5,13), e desânimo das lideranças (Hb 13,20). A Carta aos Hebreus expõe três fases pelas quais passou a comunidade: *anúncio e conversão; consolidação e solidariedade* na comunidade; e finalmente *perseguição e crise*, que foi o momento em que o texto foi redigido.

Primeira fase: Anúncio, conversão e acolhida da comunidade. Primeiramente se deu a evangelização, isto é a proclamação do anúncio da proposta cristã onde os pregadores anunciaram Jesus Cristo. Esta etapa destaca-se pela acolhida da palavra (Hb 2,3-4), pelo testemunho de sinais e milagres, pela vivência pneumatológica (Hb 6,4-5) e a aceitação do

² Apesar de que o autor diferencie *líderes* dos *santos* em geral (13, 24), todos na comunidade se chamam um ao outro de *irmão*, de forma que todos deveram prestar contas a Deus (4, 12-13), e, aliás, todos são chamados a se aproximar a Deus (4, 14-16). Os líderes falam a palavra de Deus, porém Hebreus assume que cada pessoa está desenvolvendo capacidades como mestres da fé (10,25). Os líderes dão conta a Deus da fé dos outros, no entanto todos têm a responsabilidade de ajudar-se uns aos outros e a suportar o engano do pecado (3,12-13; 12, 15-16) e promover um ao outro o amor e as boas obras com vistas à vinda do Dia do Senhor (10, 25). Ao pedir que seus ouvintes prestem atenção e obedeçam a suas lideranças (13,17a), o autor assume que as lideranças não podem simplesmente impor sua vontade, pois dependem do respeito da comunidade. Hebreus chama Cristo de *apóstolo* e de *sumo sacerdote* (3,1), mas não usa esses termos para os líderes da comunidade. Nenhuma forma de sacrifício sacerdotal é identificada exclusivamente com as lideranças. Antes, todos na comunidade oferecem sacrifícios de louvor e amor (tradução livre do autor).

batismo (Hb 6, 1-2), *the community was formed when Christian evangelist proclaimed a message of salvations, performing miracles to validate their preaching* (KOESTER, 2001, 63). Esta acolhida da mensagem traz consigo arrependimento e conversão de um pequeno número de crentes que aceitaram a nova fé em Jesus Cristo (Hb 6,1), essa confissão de fé fornece os traços identitários de uma comunidade diferenciada das outras propostas religiosas.

Segunda fase: Perseguição e solidariedade. Esta fase tem como matiz principal o conflito com a sociedade romana e a solidariedade entre os membros da comunidade (Hb 10, 32-35). A comunidade tinha assumido o batismo como forma de vida, pelo qual seus membros mudaram seus relacionamentos sociais de forma que os valores e os costumes da sociedade romana foram questionados, isso levou-os a sentir hostilidade por parte das autoridades civis que os aprisionou, os encarcerou e espoliou os seus bens, *non-Christians instigated hostilities against the community by physically accosting Christians and denouncing them before local authorities, who imprisoned them and allowed Christian property to be plundered*³ (KOESTER, 2001, 64). O motivo da perseguição das comunidades cristãs na Itália da segunda metade do primeiro século do cristianismo se deveu a que os cristãos, igualmente que os judeus, se negaram a honrar aos deuses locais e a participar de alguns espaços da vida cívica, Köester explica:

Officials in local government would have played an important role in the actions taken against Christians. Although physical abuse and loss of property could have resulted from mob action, imprisonment (10, 33; 13, 3) required the involvement of a person authority, such as a governor or magistrate⁴ (KOESTER, 2001, 65).

O texto de Hebreus explicita a brutalidade com a que foi tratada esta geração de cristãos contrastando a atitude das autoridades imperiais com o compromisso solidário que a comunidade desempenhou nesse momento (Hb 10,32-34).

Terceira fase: divisões e desânimo. Apesar das circunstâncias adversas a comunidade cristã se havia mostrado solidária com seus irmãos sofredores, porém, alguns

³ Os não cristãos instigaram hostilidades contra a comunidade, assim os cristãos foram agredidos fisicamente e foram denunciados diante das autoridades locais, que os encarceraram e permitiram que as propriedades cristãs fossem saqueadas. (Tradução livre do autor).

⁴ Os funcionários do governo local teriam desempenhado um papel importante nas ações tomadas contra os cristãos. Embora, o abuso físico e a perda das propriedades possam ter sido provocadas pela multidão, a prisão (10,33; 13,3) exigia o envolvimento de uma pessoa autorizada, como o governador ou o magistrado. (Tradução livre do autor).

membros desta comunidade começaram a demonstraram sinais de cansaço, desânimo, apatia e medo, o que os levou a abandonar a fé e a desistir da comunidade (Hb 10,24). Os cristãos dessa região se encontravam abalados e sentiam saudade da vivência daqueles dias da conversão (Hb 2,3a), *although some continued to show faith and compassion, other experienced a malaise that was evident in tendencies to neglect the faith and community gatherings. Hebrews was written during this phase*⁵ (KOESTER, 2001, 66).

Neste contexto o autor faz, na sua magistral homilia, o convite a não enfraquecer a solidariedade e potencializar o espírito de fraternidade para não abdicar da fé (Hb 10, 32). O autor toma como ponto de partida, para seu convite, a esperança cristã e a confissão de fé que já havia sido experimentada pelos membros da comunidade no começo da sua caminhada cristã (Hb 3,6; 4;14; 10,23) re-significando, em *Jesus Sumo e Eterno Sacerdote*, os sofrimentos e padecimentos do presente.

2. As categorias sacerdotais na Carta aos Hebreus.

A Carta aos Hebreus é uma homília que pretende demonstrar, mediante uma comparação alegórica, a superação da *Aliança* instaurada por Moisés a partir da instituição de uma *Nova Aliança*, eterna e perfeita, estabelecida pela entrega da vida de Jesus Cristo apresentando assim a Jesus como a revelação definitiva de Deus (Hb 1, 1-3). Para conseguir explicar em que consiste esta *Nova Aliança* o autor utiliza um título cristológico único na literatura neotestamentária: *Sumo e Eterno Sacerdote*. A profundidade teológica e eclesiológica deste título precisa de um conhecimento básico do que são as *festas litúrgicas hebraicas*, principalmente a festa do *Yom Kippur*; aliás é necessário se inserir na cosmovisão das comunidades da diáspora judaica dos anos 60 que se baseavam na esperança apocalíptica inserida nas *teologias do templo*.

Primeiramente, o *Yom Kippur* era o tempo do perdão. Este tempo tinha como lugar central e indispensável o Templo de Jerusalém e como grande protagonista o sumo sacerdote. O sumo sacerdote, nesta festa, tinha que fazer sacrifícios e purificações durante muito tempo para se tornar digno de entrar, uma vez por ano, no *santo dos santos* onde proclamava o nome de Deus e oferecia um sacrifício, um cordeiro sem defeito, capaz de

⁵ Apesar de que alguns continuassem mostrando fé e compaixão, outros experimentaram um mal-estar e evidenciado em tendências negligentes na fé e nas reuniões comunitárias. Hebreus foi escrito durante esta fase. (Tradução livre do autor).

alcançar o perdão dos pecados. Por sua vez, *as teologias do templo*, estas teologias eram especulações e práticas que nasciam da figura do Templo, como o explica o teólogo bíblico Tomás García Huidobro

[El Templo] era objeto de interesantes especulaciones teológicas y prácticas religiosas. Muchas de estas corrientes de pensamiento, a las que denominamos genéricamente «teologías del templo», nacían en grupos de carácter apocalíptico que se adjudicaban revelaciones definitivas respecto a los secretos del cosmos, de la historia humana o de la naturaleza de Dios. (GARCÍA HUIDOBRO, 2014, 16).

A Carta aos Hebreus está influenciada por estas teologias, porém se distância destas no momento de tomar como ponto de referência a encarnação e o compromisso comunitário. A partir das *teologias do templo* e da *tradição litúrgica hebraica*, o autor da Carta aos Hebreus faz uma reinterpretação alegórica de Jesus Cristo a partir de três conceitos litúrgicos: o Templo, o sacerdócio e a Vítima/oferenda.

2.1. A importância do Templo na Carta aos Hebreus

O *Templo*, no tempo em que foi escrito o texto, era o referencial mais significativo do judaísmo, *el Templo de Jerusalén era el corazón del pueblo judío. Allí se desarrollaba gran parte de la vida política, económica y religiosa de la nación* (GARCÍA HUIDOBRO, 2014, 16). O *Templo*, ao longo do tempo e nas suas distintas edificações na história de Israel, teceu um vínculo afetivo que definiu a identidade do povo judaico. O *Templo* era o lugar que marca as vitórias e derrotas do povo, suas políticas (2 Re 23, 21-23; 2 Cr 35, 1-18) e sua relação com Deus (2 Re 18, 4-6.22; Is 36, 7; 2 Cr 32,12).

Com isso na sua bagagem cultural, o autor de Hebreus utilizou o *Templo* na sua estrutura para explicar a *Nova Aliança* instaurada por Jesus, já que o autor, como judeu-cristão helenista, talvez não conheceu o *Templo* de Jerusalém mas tomou a sua divisão básica que todo judeu ou cristão-judeu tinha, *para muchos judíos, al igual que para muchos de los primeros cristianos, para desvelar los misterios del universo era preciso dejarse guiar por la estructura del templo, pues todo confluye a partir del Santo de los santos, el lugar donde habita Dios* (GARCÍA HUIDOBRO, 2014, 22). Assim, seguindo o esquema da purificação sacerdotal o Templo tem seu sentido no *Santo dos Santos*, lugar reservado e impenetrável ao qual só o sumo sacerdote pode ingressar uma vez por ano, segundo a festa

do Yom Kippur, para oferecer o sacrifício que garanta o perdão dos pecados da comunidade (Hb 9, 1-5).

A Carta aos Hebreus relê a realidade do *Templo* a partir do sacrifício existencial de Jesus Cristo que consegue entrar no *Santo dos Santos* do *Templo Celeste* garantindo uma *Nova Aliança* (Hb 9, 6-11) baseada na entrega da vida. Desta maneira o autor de Hebreus contrapõe o Templo de Jerusalém com um *Templo Celeste* que não depende da separação garantida pela purificação ritual, mas que é alcançada pela misericórdia e o compromisso solidário vivenciado por Jesus Cristo (Hb 9, 10-28), desta forma, *la superioridad de este templo garantiza también la perfección de la alianza establecida en Jesús* (GARCÍA HUIDOBRO, 2014, 35). A partir da *Nova Aliança* instaurada por Jesus Cristo, *Sumo e Eterno Sacerdote*, o espaço sagrado, reservado para o sumo sacerdote purificado, se faz no cotidiano da comunidade comprometida com o projeto de Jesus. Deste modo, o Templo é todo aquele lugar onde a vida se entrega.

2.2. O Sacerdócio de Jesus Cristo, a originalidade da Carta aos Hebreus

Na literatura do Novo Testamento, só o autor da Carta aos Hebreus chama Jesus de *Sacerdote*, *a nomenclatura sacerdotal é usada no Novo Testamento três vezes, duas para descrever o povo de Deus (Ap 5,10; 20,6; 1 Pd 2, 5.9) [...]; porém só na carta aos Hebreus é utilizada para descrever a ação mediadora de Jesus* (VASCONCELLOS, 2001, 8). Daí surge a necessidade de dialogar com a Carta aos Hebreus para entender o porquê foi usado o título de *Jesus Cristo Sumo e Eterno Sacerdote*.

O título cristológico: *Jesus Cristo Sumo e Eterno Sacerdote* é uma ousadia teológica já que Jesus nunca foi sacerdote nem seguiu essa linha messiânica para pregar sua mensagem, pelo contrário, Jesus foi um leigo e um árduo crítico das práxis sacerdotais, *su actividad continuaba más bien la de los profetas, que proclamaban la palabra de Dios y anunciaban la intervención próxima de Dios*. (VANHOYE, 1982, 12). Aliás, a classe sacerdotal foi parte daqueles que conspiraram para sentenciar a morte de Jesus. Assim pois, no tempo de Jesus, e nas primeiras gerações do cristianismo, foi impensável apresentar Jesus como *sacerdote* e muito menos apresentar sua morte como parte de um sacrifício ritual! não podia se perceber nenhuma relação entre a existência de Jesus e a instituição sacerdotal baseada na Lei mosaica. Vanhoye explica:

Hay que reconocer que la muerte de Jesús no fue un sacrificio en el sentido antiguo de la palabra, que era un sentido ritual. Según la concepción antigua, el sacrificio no consistía en la matanza de una víctima, ni mucho menos en su sufrimiento, sino en unos ritos de ofrecimiento realizados en el lugar santo. Pues bien, la muerte de Cristo no tuvo lugar en el templo ni tuvo nada que ver con una ceremonia litúrgica. Fue todo lo contrario: la ejecución de un condenado. La muerte sufrida por un condenado, se veía no solamente como el peor de los castigos, sino también como una «execración», como lo contrario de una consagración. (VANHOYE, 1982, 12)

Primeiramente, Jesus de Nazaré não foi de família sacerdotal, já que essa função era hereditária e segundo a Lei de Moisés era impossível exercer o ministério sacerdotal (Nm 3, 10-38) sem ser membro da tribo de Levi. De fato, a relação de Jesus com as autoridades religiosas da instituição sacerdotal de Jerusalém esteve marcada por constantes confrontos diretos (Mt 12, 1-13; Jo 5, 16-18). Jesus vivenciou sua vida na linha da prática da misericórdia em consonância com a tradição profética (Os 6,6), consciente de que o encontro com Deus se dá na acolhida ao próximo e na promoção do fragilizado distanciando-se da teologia sacerdotal baseada na pureza ritual.

Assim como a vida de Jesus não teve nada a ver com a função sacerdotal, também sua morte não pode ser comparada com um sacrifício ritual nos esquemas levíticos, pois os sacrifícios tinham como finalidade purificar os lugares sagrados para ganhar a bênção de Deus. Pelo contrário, a morte de Jesus foi um assassinato orquestrado pelas autoridades civis e religiosas que o julgaram como um sedicioso político e como amaldiçoado religioso (Dt 21,23; Gl 3, 13). Desta forma a morte de Jesus é um escândalo para o praticante devoto da liturgia sacerdotal. Aliás, a vida de Jesus foi interpretada nas primeiras comunidades como o servo justo que foi injustiçado, à luz de algumas narrativas proféticas (Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-11; 52,13-53,12), e sua morte foi entendida como um ato gratuito de misericórdia (Gl 2,21) que é consequência da sua vivência profética. Portanto era inimaginável apresentar a vida de Jesus na linha sacerdotal.

Então, porque era tão importante apresentar Jesus como sacerdote? Esse é um dos questionamentos, mas pertinentes ao encarar esse título. A resposta a essa pergunta é que era necessário, para as primeiras comunidades cristãs, que Jesus cumprisse a totalidade da Escritura. E nessa perspectiva as tradições messiânicas argumentavam que a unção do *Cristo* tinha uma tripla dimensão: profética, regia e sacerdotal. Jesus já se tinha apresentado como profeta e sua soberania regia estava mais do que assumida por parte das

comunidades; o problema era apresentar sua dimensão sacerdotal. Assim, o autor da Carta aos Hebreus ao ousar chamar Jesus de *Sacerdote* não está falando do *Jesus histórico*, mas da interpretação pós-pascal da sua vida e sua mensagem. Portanto, *Jesus Cristo Sumo e Eterno Sacerdote* é uma interpretação cristológica que aborda o mistério de Jesus a partir de um *Jesus Cristo glorificado* lido à luz da tradição de Israel, da experiência pascal e da realidade da comunidade.

Diante da impossibilidade de apresentar Jesus como sacerdote cúllico, o autor de Hebreus faz uma exposição do sacerdócio de Jesus a partir de uma inovadora *teologia do sacerdócio*. Para realizar esta tarefa o autor aprofunda a dimensão simbólica do sacerdócio transcendendo os ritualismos para entrar na essência da dimensão sacerdotal que é seu caráter salvífico pois o sacerdote é *el representante de Dios delante de los humanos, enseña la Ley de Moisés, y el representante de los humanos delante de Dios, hace ofrendas y sacrificios* (FONTONA, 2011, 28.). Assim, a Carta aos Hebreus é a reinterpretação das funções soteriológicas do sacerdócio que dão sentido ao sacerdócio de Jesus Cristo na sua dimensão messiânica.

O autor da Carta aos Hebreus intenta demonstrar que desde o começo de sua existência até a sua glorificação Jesus assumiu a *práxis sacerdotal*, isto é ser o mediador de Deus e o povo, para assim conseguir aproximar a realidade de Deus para a humanidade mediante a oferenda existencial de si mesmo. No começo da Carta aos Hebreus o autor descreve uma das primeiras experiências do *Cristo glorioso*. Numa linguagem triunfante e vitoriosa o autor mostra que o líder da comunidade é Jesus Cristo o *Sumo e Eterno Sacerdote* (Hb 1, 1-5). Mas esse título vai adquirindo sua relevância quando se faz o paralelo com o sumo sacerdote de Israel.

Na sociedade judaica o sumo sacerdote desempenhava uma função única, ser o mediador que se encarrega de aproximar Deus ao povo e ao mesmo tempo de aproximar o povo a Deus (Hb 5,1-3). Para desempenhar a função sacerdotal o sumo sacerdote tinha a sua disposição distintos elementos que lhe outorgavam a dignidade para realizar sua função: as vestes enfeitadas com as leis e com o nome de Deus; a solenidade das liturgias; e a purificação dos objetos sagrados e dos espaços sagrados, assim como a purificação da sua própria pessoa mediante ritos e jejuns, es posible afirmar que la ropa del sumo sacerdote –y

a veces la persona- manifestaba en el templo de Jerusalén el orden de la creación, la gloria y la sabiduría de Dios (GARCÍA HUIDOBRO, 2014, 82)

O sacerdócio de Israel está marcado pelas festas litúrgicas. A festa de referência, para o autor de Hebreus, é a festa do Yom Kippur onde o sumo sacerdote adquire uma dimensão de mediador ao sacrificar uma vítima perfeita para o perdão dos pecados da comunidade fazendo-se por um instante portador do nome impronunciável de Deus, fazendo o nome de Deus visível nas suas vestes durante o sacrifício. A Carta aos Hebreus explica o sacerdócio de Jesus partindo de uma alegoria da teologia da festa do Yom Kippur. Para Hebreus a dignidade sacerdotal de Jesus não vem de sinais, ritos e elementos externos, como as vestes, mas pela posse do nome divino ao se saber filho de Deus (Hb 1,5) exercendo sua mediação na solidariedade e no compromisso com seus irmãos os seres humanos (Hb 2, 9-18).

O primeiro elemento sacerdotal de Jesus Cristo que a Carta aos Hebreus propõe é sua dimensão filial. A partir do Salmo 2, um salmo de entronização real, o autor de Hebreus descreve Jesus como *meu filho: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei ou ainda Eu lhe serei pai, e ele será meu Filho* (Hb 1, 5b). Assim, Jesus toma posse do nome de Deus, por filiação e não por purificação, o que o torna sacerdote e rei. Na sua dimensão filial o nome de Deus está inserido na vida de Jesus. Assim, Jesus sendo Filho assume a mediação sacerdotal não só durante a festa litúrgica, mas ao longo da sua vida. Tomás Huidobro aponta:

Por un lado, el sumo sacerdocio de Jesús se relaciona con el «nombre excelente» que ha recibido de parte de Dios (Hb 1,4), vinculándose además con la soberanía, la gloria y la sabiduría divina. Su realeza por otro lado, guardaba relación con el hecho de que está sentado a la derecha de Dios y con la potestad de juzgar que le ha sido concedida. Esta transformación sumo-sacerdotal y real de Jesús bien pudo ser la más primitiva concepción judeocristiana de la resurrección de Jesús, motivo que explicaría el hecho de que en la homilía apenas haya referencias a Jesús resucitado. (GARCÍA HUIDOBRO, 2014, 92)

2.3. O Sacrifício na Carta aos Hebreus

Na Carta aos Hebreus o sacrifício que Jesus Cristo faz é a entrega da sua própria vida para fazer presente a vontade do Pai (Hb 5,7). O elemento que o autor de Hebreus utiliza para explicar a peculiaridade do sacrifício de Jesus Cristo é tomado da figura paulina do *cordeiro pascal* (1 Cor 5,7), imagem que alude à inocência da vítima e à leitura soteriológica da Cruz. Porém, a Carta aos Hebreus dá um passo a mais e sublinha que essa vítima não foi só inocente, mas foi voluntária! Neste sacrifício voluntário Jesus Cristo

atesta que o amor supera a ritualidade, assim Hebreus mostra *de um lado na apresentação de Cristo como vítima sacrificial [...], por outro lado, o aspecto voluntário, de atitude pessoal livre que caracteriza a paixão de Jesus* (TORRELL, 2014, 40). Desta forma, para o autor de Hebreus a maior novidade do sacerdócio de Jesus é que a vítima do sacrifício é Ele mesmo! A novidade do sacrifício de Cristo: ele é ao mesmo tempo ativo e passivo; não é apenas o sacerdote que oferece, ele é também a vítima oferecida (TORRELL, 2014, 40)., a única vítima perfeita e agradável ao Pai. Portanto, a oblação que Jesus faz de si mesmo é uma oferenda existencial que se realiza ao longo da sua vida, na vivência radical do amor que culmina na entrega absoluta ao Pai.

Nesta oferenda se inaugura uma *Nova Aliança*, instaurada pela entrega da vida de Jesus Cristo, que é superior à antiga Aliança mosaica incapaz de garantir plenitude do perdão (Hb 8,13); pois esta última precisa estar se renovando com diferentes vítimas (Hb 10,1-4). Aliás, neste sacrifício perfeito Jesus é o *Sumo e Eterno Sacerdote* que entra no *Santo dos Santos* do Templo celestial uma vez e para sempre garantindo a mediação absoluta entre Deus e o ser humano (Hb 9, 28). Ao penetrar de maneira definitiva no *Santo dos Santos* celeste, Jesus aproxima à comunidade ao sagrado de Deus (Hb 9,7-12) destruindo a distância ritual imposta pela teologia da purificação. A entrada de Jesus Cristo neste lugar santíssimo é através de um sacrifício perfeito de seu próprio sangue e da sua própria existência! (Hb 9,26), *passamos do sacrifício ritual do Antigo Testamento, que não passava de uma figuração simbólica impotente, para o único sacrifício real verdadeiramente valido: aquele que torna o homem sacrifício agradável a Deus* (TORRELL, 2014, 40), pelo qual a vítima oferecida para este sacrifício, sua própria vida, vence de maneira definitiva o pecado e aquilo que separava o ser humano de Deus.

Portanto, é a vida assumida em chave de doação a característica primordial da *Nova Aliança* instaurada pelo único *Sumo e Eterno Sacerdote*, Jesus Cristo. O sacrifício perfeito é a doação da própria vida em prol de seus irmãos assim como sinal de fidelidade ao Pai, *el sacrificio de Cristo no ha consistido en una ceremonia de separación ritual efectuada en un lugar santo, sino en un acto de completa solidaridad con sus hermanos* (Hb 2,17;4,15), *según el designio de Dios que es un designio de amor* (VANHOYE, 2014, 177). Viver em grau máximo a humanidade em solidariedade com seus irmãos (Hb 2, 14-18; 4,15) e a

obediência plena ao Pai (Hb 5, 8; 10, 7-10) é o que faz de Jesus Cristo o *Pontífice-Sacerdote* supremo e absoluto aproximando o ser humano e Deus.

3. O título *Sacerdote* como projeto de humanização misericordiosa, solidária e fiel.

A experiência do sacerdócio de Jesus oferece esperança àqueles que são condenados pelo sistema gerador de vítimas. Assim, nesta teologia, a Carta aos Hebreus convida aos cristãos a vivenciar as atitudes mediadoras de Jesus Cristo para que seus seguidores sejam sinal da *Nova Aliança* de Deus que se faz presente aos seres humanos, ainda nas circunstâncias adversas.

3.1. A função mediadora do sacerdócio e sua plenitude em Jesus

O autor da Carta aos Hebreus faz sua teologia a partir do título de Jesus Cristo *Sumo e Eterno Sacerdote*. Esta novidade teológica adquire sua importância pelo papel de mediador que o *Sacerdote* (Hb 5,1-3;8,6) desempenhava na sociedade ao ligar Deus com o ser humano e assim ser o vínculo para que o povo experimente a salvação de Deus. A finalidade do sacerdócio na tradição judaica era exercer a *mediação* dos homens com Deus e de Deus com os homens (Lv 21,6-8). Entender a importância da mediação ajuda a se familiarizar com o título empregado na carta aos Hebreus pois mediação era um cargo sumamente importante no oriente médio como explica Batten:

En el mundo antiguo había agentes que conectaban a un individuo o grupo con otro utilizando determinados medios estratégicos. Esas actividades no sólo favorecían los intereses de las partes, sino también los del agente, cuya ganancia con la mediación le estimulaba a seguir proporcionando esos servicios. En particular, el agente o mediador desempeñaba un papel central en la relación patrono-cliente. [...] La mediación no puede ser entendida fuera de ese marco. [...] La persona que con su intervención y sus habilidades facilitaba la interacción patrono-cliente era el mediador. El mediador necesitaba poseer la habilidad de interconectar estratos sociales, culturas o ámbitos diferentes, disponer de tiempo para hacerlo y tener un grado significativo de poder que le permitiera convencer al patrono y/o cliente a entrar en un determinado tipo de intercambio (BATTEN, 2010, 243-247).

A instituição sacerdotal fazia essa mediação entre Deus e o povo pelo cumprimento da Lei através da realização de cerimônias litúrgicas e práticas rituais que purificavam ao sacerdote de sua condição humana para fazê-lo digno de estabelecer a comunicação com Deus (Lv 21, 1-9). Portanto, para exercer o sacerdócio, segundo a Lei, era necessário atingir um estado de *pureza* adquirida através dos rituais (Ex 28-29; 39; 40,13-15; Lv 8-9) para ser digno de estar na presença de Deus (Nm 18,23; 26,62). Jesus Cristo *Sacerdote* na

Carta aos Hebreus está purificado por sua própria natureza pois Ele foi proclamado Filho de Deus e está sentado à sua direita (Hb 8,1-3), entrando e permanecendo na presença de Deus (Hb 5, 5-6). Mas não é a natureza divina ou *purificada* do humano o que torna a Jesus Cristo o mediador por excelência senão sua solidariedade para com seus *irmãos* (Hb 2,11), *lo más sorprendente es que el autor de Hebreos llega a la conclusión de que la solidaridad con la condición humana, sus sufrimientos y, por tanto, su capacidad de compadecerse es lo que hace de Jesús un sacerdote digno de confianza (2,17-18)* (ORIOI TUÑI, 2010, 27).

Jesus assume duas substâncias, a divina e a humana, e nesta dupla dimensão substancial, Filho de Deus e Irmão dos seres humano, Jesus se torna o perfeito mediador. Assim, ao Filho pré-existente e glorificado em si mesmo por sua condição filial (Hb1,3) se associa à encarnação que garante sua solidariedade absoluta com os seres humanos (Hb 2, 9-11) de maneira que pode representar os interesses destes diante de Deus (Hb 5, 7-9). Portanto, a encarnação é o elemento chave para entender a mediação de Jesus, *Hebreos requiere como condición para ser sacerdote aquella total asimilación a los hombres* (VANHOYE, 1980, 19), pois é na experiência de ser parte da natureza humana que Jesus Cristo garante o compromisso com os seres humanos assumindo as consequências da condição humana até dar a vida em uma morte cruenta (Hb 5, 7-9). Com este gesto de solidariedade, exposto no seu sofrimento redentor, se abre a ponte e o caminho para a relação com Deus a partir da vivência misericordiosa (Hb 10,19-20).

A Carta aos Hebreus supera a lógica ritualística que negava a humanidade do sacerdote para propor uma lógica sacerdotal que nasce do compromisso solidário com a humanidade que Jesus Cristo assumiu pela sua vida, morte e ressurreição Jesus Cristo atinge o grau máximo da mediação. Na humanização da vida Jesus cumpre a vontade de Deus (Hb 10, 7-10) alcança sua glorificação (Hb2,10).

3.2. As qualidades do *Sumo Sacerdote*: misericordioso e digno de fé (Hb 2, 17-18)

A experiência do sacerdócio de Jesus Cristo está desenvolvida em duas atitudes: *misericórdia* com o ser humano e a *fidelidade* a Deus, estas têm como sentido experimentar o perdão de Deus:

Convinha, por isso, que em tudo se tornasse semelhante aos irmãos, para ser, em relação a Deus, Sumo Sacerdote misericordioso e fiel, para expiar assim os pecados do povo. (Hb 2,17-18).

Esta pequena perícopre de Hebreus expressa a profundidade do sacerdócio de Jesus Cristo que tem na base um imperativo categórico: *devia se tornar semelhante*, este imperativo enfatiza como a encarnação é indispensável para exercer a função sacerdotal, pois só se tornando *irmão* é possível se compadecer (Hb 2,11b). O primeiro adjetivo que é escolhido pelo autor da Carta aos Hebreus, nestes versículos, é *misericordioso*. A primeira condição do sacerdócio de Jesus é viver a dimensão horizontal da existência, viver como irmão na compaixão e misericórdia. Na Carta aos Hebreus, Jesus precisava conhecer *na pele* a vida do ser humano, pois só na solidariedade se pode desenvolver a compaixão com seus irmãos para viver a *misericórdia* (Hb 4, 15-16; 5, 1-3). Assim, nesta solidariedade misericordiosa Jesus Cristo pode amar até o extremo a causa dos seres humanos, pois as implicações da condição humana foram assumidas por Jesus de maneira que Ele pode compadecer-se da realidade humana para redimi-la (Hb 9, 28).

A outra característica fundamental do sacerdócio de Cristo é a *fidelidade* de Jesus Cristo na sua relação com Deus. Na Carta aos Hebreus a *fidelidade* tem a ver com que Jesus Cristo é merecedor da confiança de Deus, Vanyoe explica a profundidade das implicações da fidelidade:

La palabra griega *pistós* es traducida a menudo por *fe*, pero su sentido primigenio es el de *digno de fe, merecedor de confianza*. Y éste es el sentido que quiere darle el autor, como se ve por el pasaje que sigue (3,1-6) y por la cita que incluye (Nm 12,7) que muestra a Moisés como el *hombre de confianza de Dios*. (VANHOYE, 1980, 46)

Portanto, na sua capacidade de se compadecer e de ser misericordioso Jesus se torna confiável diante do Pai vivendo como o Filho amado do Pai (Hb 3,6). Esta dimensão filial faz de Jesus Cristo alguém digno de confiança, confiável.

Desta maneira, a partir da *misericórdia* e a *fidelidade*, Jesus Cristo *Sacerdote* encarna a capacidade de amar aos homens e testemunha a experiência de sentir-se amado e sustentado pelo Pai. Estes dois adjetivos: *misericórdia* e *fidelidade* expressam as características do sacerdócio de Jesus Cristo e a instauração de uma nova *Aliança* onde Deus manifesta sua salvação na misericórdia e no amor. Estas dimensões da misericórdia e da confiança filial demonstram o rosto mais autêntico de Deus desde a tradição sinaítica da aliança judaica, como é explicado pelo pesquisador Vanyhoe:

Digamos también que la unión de los adjetivos evoca la expresión bíblica que define las condiciones de toda alianza y especialmente de la establecida por Dios: *hèsèd*

we'êmèt. Hèsèd que significa bondad, amor, espírito fraternal, misericórdia; y en la biblia griega se traduce ordinariamente por éleos (misericórdia). Êmèt expresa la solidez y seguridad del apoyo prestado, y aunque la Biblia griega suele traducir Aletheia (verdad), sin embargo ya hemos visto cómo la palabra Neman, de la misma raíz, se traduce por pistós (digno de fe, fiel). Así al concluir la alianza del Sinaí, Dios se revela como *rico en misericórdia y en fidelidad* (Ex 34, 6) y Dt 7,9 recuerda que el Dios de Israel es *fiel* y guarda *la alianza y la misericórdia*; el pueblo, por su parte, debía mostrarse fiel y bueno a fin de mantenerse en la alianza con Dios. (VANHOYE, 1980, 56-57)

Assim, ao ser *irmão* (Hb 4, 15-16; 5, 1-3; 10, 7-10) e ser *Filho de Deus* (cf. Hb 1, 5-14) Jesus Cristo é o único e perfeito *Sumo e Eterno Sacerdote* compassivo-misericordioso e fiel-digno de fé.

Por último, estes versículos que expressa as características do sacerdócio de Jesus Cristo conclui com o sentido da função sacerdotal: *expiar assim os pecados do povo*. (Hb 2,17c). Apagar o pecado é entendido como aquilo que não deixa livre o ser humano, não lhe permite assumir sua condição de filho de Deus no Filho. Para conseguir essa libertação do pecado Jesus se oferece como vítima expiatória, mas não nas condições da retribuição que propunha a antiga Aliança senão na entrega da vida (Hb 9, 13-14).

A oferta de Cristo, proposta por Hebreus, é a vivência no compromisso de lutar contra as causas do pecado conforme o plano do Pai que consiste que os homens e mulheres vivam com dignidade. Este compromisso trouxe como consequência para Jesus que as forças religiosas e políticas que estavam contra esta opção de vida se unissem para matá-lo na cruz. Porém, no mistério da ressurreição Jesus vence estas forças, certificando que é possível viver entregue pela salvação dos seres humanos. De tal forma que este mistério pascal forneça à humanidade a graça necessária para não reproduzir mais as forças do pecado que tiram a vida dando eficácia à entrega e à expiação de Jesus Cristo.

O caminho trilhado por Jesus Cristo *Sacerdote* é viver na misericórdia com os irmãos sustentando-se na fidelidade a Deus, na sua dimensão solidária e comprometida com a humanidade, baseada na profunda certeza de se sentir amado por Deus. Estas duas dimensões são determinantes para entender a entrega da vida de Jesus, possibilitando que Ele vença os esquemas de pecado, que torna os seres humanos presos e sem esperança. Jesus Cristo *Sacerdote* é, portanto, o caminho de redenção pela sua entrega total ao projeto de Deus na misericórdia solidária.

Podemos concluir que a proposta de Hebreus é um processo de humanização que implica entregar a vida para demonstrar que Deus se faz presente no plenamente humano de tal forma que se denuncie e se extermine o sistema gerador de vítimas que divide, exclui e separa o humano, em palavras de Jon Sobrino:

En resumen la Carta crítica el *sistema de separaciones* que es propio del sacerdocio del Antiguo Testamento: *el culto antiguo, marcado de una exterioridad irremediable, no renovaba profundamente al hombre ni podía colocarle en una auténtica relación con Dios*. Cristo, en cambio, se ofrece a sí mismo; los ritos son su misma vida y muerte: el templo es la realidad de la historia. Cristo no entra en el santuario con sangre de machos cabríos (9,12.25), sino con su propia sangre (9,12). De esta forma se quiebra la exterioridad del sacerdocio antiguo, que media entre dios y los seres humanos, y se introduce el *principio realidad*: es la existencia real e histórica lo que posibilita (o imposibilita) el acceso a Dios. La ofrenda de Jesús es agradable y aceptada por Dios, pero no por una decisión arbitraria suya, sino por el contenido de esa vida. Porque su vida es sin pecado, porque está llena de espíritu (9,14), porque expresa la voluntad de Dios (10, 5ss) la vida de Jesús es verdaderamente mediadora y otorga acceso a Dios. (SOBRINO, 1999, 140)

4. Conclusão

A Carta aos Hebreus aplica o título de *Sacerdote* a Jesus com a finalidade de responder às perguntas da sua comunidade em crise. Portanto, o texto de Hebreus não dá lugar a uma religião histórico-institucional (Hb 8, 4-5) mas propõe que o encontro com Deus se faz presente no compromisso solidário com os irmãos, de tal forma que a salvação é acessível a todos (Hb 2, 16-18). Daí a importância de apresentar Jesus na sua glória, porém encarnado, tentado e comprometido com o Deus que está do lado do ser humano (Hb 5, 7-10)

O *religioso* é na Carta aos Hebreus a implantação do projeto de Deus para o ser humano pela mediação de Jesus Cristo que na sua vida entregada pela causa do ser humano alcança o perdão dos pecados transcendendo os esquemas de *purificação*. Por tanto o *perdão dos pecados* é o máximo nível de humanidade pois essa experiência de perdão é concretizada em atos de misericórdia. A *misericórdia* é a realidade mediadora por excelência já que é a atitude que compromete à realização histórica do projeto de aproximar a ternura de Deus ao ser humano e tirar assim o protagonismo do pecado (Hb 9, 26-28).

O sacerdócio de Jesus está validado pela sua entrega misericordiosa para com os fracos e pela sua *fidelidade* a Deus (Hb 2, 17-18). As duas coisas são realizações históricas do humano de Jesus. Portanto, a vivência sacerdotal proposta pela Carta aos Hebreus

consiste na relação continua com Deus sendo o *Filho* compassivo e misericordioso e ao mesmo tempo o *Irmão* solidário.

Referências bibliográficas:

- BATTEN, A. *Mediación: Jesús, visto como emprendedor social*. In: NEUFELD, D.; DE MARISH, R. *Para entender el mundo social del Nuevo Testamento*. Navarra: Verbo Divino, 2010.
- DEN HEYER, C. J. *Paulo, um homem de dois mundos*. São Paulo: Paulus, 2008.
- GARCIA HUIDOBRO, T. *La carta a los Hebreos. Una visión desde las teologías del templo*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2014.
- GUTHRIE, D. *Hebrews. Introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- KÖESTER, C. R. *Hebrews. A news translation with introduction and commentary*. New York: The Ancore Bible, 2001.
- SOBRINO, J. *La fe en Jesucristo. Ensayo desde las víctimas*. Madrid: Trotta, 1999.
- TORREL, J. *Um Povo Sacerdotal*. São Paulo: Loyola, 2014.
- VANHOYE, A. *El mensaje de la Carta a los Hebreos*. Pamplona: Verbo Divino, 1981.
- VANHOYE, A. *Carta a los Hebreos*. Madrid: BAC, 2014
- VASCONCELLOS, P. *Como ler a carta aos hebreus. Um sacerdote fiel para um povo a caminho*. São Paulo: Paulus, 2017.
- FONTONA, J. *El Sacerdocio en Hebreos* In: Revista Estudios Bíblicos LXIX, Madrid, 2011
- MÍGUEZ, N. O. *Hebreos y Bernabé. Las otras hermenéuticas* In: Revista Bíblica Latinoamericana (RIBLA) n. 42/43, Quito, Ecuador, 1991.
- ORIOLO T., J. *La Solidaridad de Jesús* In: Revista Reseña Bíblica *La Carta a los Hebreos*, Navarra, 2010.
- PIXLEY, J. *¿Exige el Dios verdadero sacrificios cruentos?* In: Revista Bíblica Latinoamericana (RIBLA) n. 2, San José, Costa Rica, 1989.
- STRINGHINI, P. L. *La cuestión del Sacrificio en la Epístola a los hebreos*. In; Revista Bíblica Latinoamericana, n. 10, San José, Costa Rica, 1991.